

Injeção de otimismo

Tarcísio Holanda

O Brasil mergulhou numa grande noite de pessimismo desde que os nossos horizontes se fecharam diante da recessão prolongada que se instalou ao final da década de 70. O País deixou de ser um tradicional receptor de migrantes para se transformar em exportador de mão-de-obra qualificada e desqualificada. Nesse meio tempo perdeu valiosos cérebros e braços que procuraram os Estados Unidos e a Europa.

Os 13 anos de impasse na área econômica provocaram um grande desalento. O brasileiro perdeu o otimismo e, mesmo, a fé. A reconstitucionalização e o restabelecimento do primado do poder civil coincidiram com tentativas abortadas de conter a inflação, sempre em alta, aumentando a frustração e o pessimismo do homem comum. Perdemos o nosso conhecido otimismo e, até, a auto-estima.

Tivemos o fracasso do Plano Cruzado e de todas as tentativas feitas no governo Sarney para conjurar a crise até mergulharmos na mesmice da política do feijão com arroz. Eleito presidente da República, derrotando o que havia de melhor na elite civil do País, Fernando Collor lançou um programa econômico desastrado que acabou com a confiança pública nas instituições, ao determinar o bloqueio dos ativos financeiros.

O Plano Collor entrou pelo ralo, como o Plano Cruzado, com a agravante de ter praticado o crime de apropriação indébita à luz do dia, com o auxílio do **Diário Oficial**, do Congresso, da imprensa e, o que é pior, do Poder Judiciário.

Os programas econômicos desastrados acabaram jogando o País no pessimismo. Inaugurou-se a moda de fazer dos países do

sudeste asiático o grande exemplo de desenvolvimento. Até na América Latina ficamos morrendo de inveja do Chile, do México e da Argentina, enquanto remoíamos os nossos próprios fracassos, como se a nossa crise não tivesse solução, a curto e médio prazos.

O banqueiro Olavo Setúbal fez, recentemente, mais uma de suas viagens aos Estados Unidos, levando um grande pessimismo. Em contato com empresários e banqueiros, foi obrigado a rever sua posição, sendo convencido de que a crise brasileira não é grave. Seus interlocutores estrangeiros fizeram-no acreditar que o problema brasileiro é relativamente fácil de ser resolvido, bastando vontade política.

Empresários e banqueiros estrangeiros disseram nos EUA a Setúbal que a situação brasileira atual é relativamente boa, na medida em que o País tem 23 a 25 bilhões de dólares de reservas, uma dívida pública de pouco mais de 30 bilhões de dólares, crescentes **superávits** na balança comercial e um Produto Nacional Bruto que o FMI recalculou em mais de 700 bilhões de dólares.

O Brasil só precisa concluir o acordo de renegociação da dívida externa para pagar de serviço anual pouco mais de dois bilhões de dólares, o que está em vias de fazer, e alongar o perfil de sua dívida pública interna para livrar o Orçamento do ônus que representa comprometê-lo em 65 por cento com o pagamento dos serviços das dívidas interna e externa.

O que está faltando no Brasil é espírito público do Congresso e de cada um de nós, cidadãos brasileiros, para assumirmos, todos, o ônus da batalha contra as gorduras do Estado e a inflação. Precisamos de um acordo para que todos admitam perder, a fim de que, mais tarde, o País e todos nós saíamos ganhando. Não existe luta sem sofrimento.

22 JUN 1993

CORREIO BRAZILIENSE